

Novéis Acadêmicos

Confrades, sejam bem-vindos!

Hoje, 26 de junho de 2019, vivemos um dia de festa.

Como assinalado por nosso querido presidente Affonso Renato Meira, no introito da obra **"7 de Março"**¹: *"O presente é a construção da tradição e da cultura"*.

Celebra-se, hoje, a renovação dos quadros da Academia de Medicina de São Paulo e a memória dos que precedem os não menos ilustres novéis acadêmicos. Conforme nossa melhor tradição e cultura.

Com Leontina da Conceição Margarido, Marcelo Zugaib e Paulo Andrade Lotufo, agora confrades, escreveremos as páginas que cabem à Academia de Medicina de São Paulo na história do futuro da medicina bandeirante.

Caríssimos confrades, vossa eleição a este sodalício representa quanto são reconhecidos seus méritos, suas qualidades humanas, éticas e científicas.

Mas ser titular na Academia de Medicina de São Paulo vai muito além disso, é mais que merecida homenagem aos assim agraciados. Está longe de ser a brilhante finalização de vossas carreiras, mas o início de outra fase de relevância ainda maior.

Acadêmicos são eleitos com a expectativa de que possam, com sua dedicação e presença assídua, contribuir para o engrandecimento desta Academia, de nossa Arte e Ciência médicas, trazendo assim qualidade à atenção à saúde dos que aqui vivem e o progresso ao nosso País.

Bem hajam, por aceitarem mais esta missão!



José Luiz Gomes
do Amaral
Presidente 2019 - 2020

• Espaço do Editor •

Medicina, Virtudes e a Arte de Escrever



Helio Begliomini
Editor do Asclépio

"Escrever é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa de apagar o caso escrito."

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos e fundador da Academia Brasileira de Letras, sendo seu primeiro presidente.

Não tenho dúvida que dentre os predicados para ser um bom médico estejam sumariamente condensados em tão-somente três: 1. Aprendizado constante com dedicação e perseverança através do **estudo** como fonte do saber para proporcionar o melhor de si; 2. Exercício do **humanismo** no trato com o semelhante, incluindo aí as diversas virtudes de uma boa educação auferida desde o berço, assim como – sem a menor pieguice – a necessidade de se ter amor ao próximo – desinteresseiro (!) – particularmente por aquele que sofre as agruras da doença; e, por fim: 3. Praticar seu ofício com os talentos de um **artista**: sensibilidade, observação, interpretação, concentração, fascinação, abstração, intuição, alegria, leveza, técnica, transformação de uma ideia em realidade concreta, amenizando ou dissimulando o sofrimento alheio... dentre outros. Se tais atributos compõem a arte e se eles se encontram somente no *homo sapiens*, infere-se, pelo silogismo aristotélico, que todos os seres humanos possuem, ainda que latentes, aptidões de artista.

Particularmente o médico, em sua formação e em sua lida diária, aprende a executar seu trabalho com habilidades de um artista. Entretanto, a medicina em si mesma é fonte de inspiração no desenvolvimento de habilidades artísticas incubadas. Dentre tantas, a literatura é mais comumente vista dentre os médicos.

Além do contato diuturno com a vida e a morte, a saúde e a enfermidade, a alegria e o desespero, o esplendor do bem-estar da juventude e a decrepitude inexorável da existência, o médico é instigado desde os bancos universitários a ler muito. Ora, não há bons escritores se esses não forem assíduos leitores, outra condição inerente à formação médica.

Mas o que é literatura, ou ainda, o que venha a ser escritor? Talvez a definição mais simples e ao mesmo tempo mais genial do que venha a ser um escritor foi a do chileno Pablo Neruda, pseudônimo famosíssimo de Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto (1904-1973) e prêmio Nobel de Literatura de 1971. Disse ele: *"Escrever é fácil. Você começa com uma maiúscula e termina com um ponto final. No meio, coloca ideias"*. Em outras palavras, o escritor é aquele que sabe colocar ideias, com sua arte, entre uma simples letra maiúscula e um ponto final de uma frase, de um parágrafo, de um período, de uma página, de um capítulo ou de um livro!

¹ Meira, AR; Palomba, GA; Begliomini, H. 7 de Março. São Paulo. Academia de Medicina de São Paulo, 2002. 318 páginas.

Talvez a literatura, em termos simplistas, possa ser definida como a arte de bem se ornamentar (escrever) no papel, ou hoje em dia, em meios virtuais, mensagens através de grafemas.

A literatura se faz pela materialização em caracteres gráficos de ideias abstratas do intelecto, com ou sem o concurso prévio da linguagem oral. Ela será tão mais artística quanto mais solta estiver dos tentáculos das letras do alfabeto.

Inspiração e expressão – conteúdo e forma, respectivamente –, são a essência ou a matéria-prima da arte literária, e a maneira *sui generis* de possuir e de desenvolver tais predicados diferenciará os escritores.

A vocação a escritor acompanha *pari passu* o desenrolar da vocação médica. Para desenvolver esse dote, em meio a tanta inspiração, há de se gostar de leitura, ser observador atento, não ter receio de expor seus sentimentos, ousar na concatenação de suas ideias através da palavra escrita; perseverar neste propósito e nutrir-se de um ambiente favorável.

Se a medicina trata da materialidade do corpo e da desorientação da mente e do comportamento, a arte *lato sensu* é a expressão da alma humana, e, de modo particular, a arte literária torna palpáveis os sentimentos, materializa a força imponderável das ideias e a virtualidade dos pensamentos.

— Contemporâneo —

A Evolução do Conhecimento

Das Razões do *Homo sapiens* Ser Quem é Até o Tempo *High-Tech* de Transmissão de Conhecimento Via NeuroWebinar – Uma Curta História.

O que é o ser humano, o *Homo sapiens*? O que nos faz tão especiais, quase divinos, por que somos diferentes dos outros seres vivos? Nós fazemos parte da classificação de seres vivos de Linneu em gênero *Homo* e espécie *sapiens*. Mas por que achamos que estamos tão acima dos outros?

A transmissão do conhecimento pode ser vista como uma das razões para sermos quem somos. Explico uma das teorias. Vamos voltar um pouco no tempo.

Há alguns milhões de anos atrás, no sudeste do continente africano, mais precisamente na região da Etiópia: os ancestrais pré-humanos viviam de forma arborícola e sua estrutura anatômica era adaptada para tal tipo de vida, com braços fortes, pernas mais curtas. A geologia da região sofreu alterações e as alterações da geologia, provindas entre outras razões, a partir de movimentos das placas tectônicas, acaba por criar montanhas, vales, e isso muda o clima. O clima, naquela região de floresta densa do sudeste africano, passa de úmido a mais seco. O clima determina mudança na vegetação. A paisagem se abre. A floresta densa dá lugar à paisagem aberta, com menos árvores, mais arbustos. O ancestral primitivo é obrigado, pela imposição da natureza, a ir ao chão. E, indo ao chão, ao longo de milhares e milhares de anos, a seleção natural de Charles Darwin começa a se impor. E o ancestral primitivo quer se levantar, quer se colocar em pé para ver ao longe. Ver ao longe, em pé, significa antecipar a chegada do predador, significa surpreender a presa, significa ficar maior.

Assim, ao longo de milhares e milhares de anos, aquela coluna vertebral com um grande “C”, em cifose, da cervical à lombar, vai ganhando uma nova curva, a lordose lombar. Sim, a famosa lordo-

se. A lordose se desenvolve e aquele ancestral primitivo que adquire essa curva invertida da cifose consegue ficar em pé, de forma mais estável, ou menos instável, mais equilibrada. O ancestral primitivo busca um equilíbrio de seu corpo no plano sagital que o permita ficar em pé e desfrutar das vantagens de ficar em pé. O ancestral busca o equilíbrio sagital (este tema que tanto gosto e que será título de meu próximo livro a ser lançado em 2019, em New York, pela editora *Thieme*) de sua coluna. Ele busca o equilíbrio sagital de seu corpo. O ancestral primitivo quer ficar em pé.

No início, a bipedia, como nós conhecemos hoje, não era estável. Como tudo na vida, ela sofreu uma evolução. A nossa estrutura inteira do corpo começa a mudar, a se adaptar, para poder ficar em pé. A bacia muda. A coluna muda. O forame magno, no ancestral primitivo, localizado mais posteriormente na base do crânio, migra, ao longo de milhares e milhares de anos, mais anteriormente, mais para a frente, menos posterior, na base do crânio, para que a coluna cervical possa sustentar em melhor situação de equilíbrio, a cabeça.

Essas alterações, remodelamentos, na base do crânio, acabam por deslocar, ao longo dos milhares e milhares de anos, a laringe para baixo, no pescoço, e esse deslocamento anatômico da laringe acabou por criar condições ótimas de funcionamento de uma fantástica caixa de ressonância que produzia a voz. E a vocalização pôde evoluir, e com ela temos a pré-história da transmissão do conhecimento.

O cachorro que nasce hoje, nasce e evolui “quase” com o mesmo conhecimento de um cachorro que nasceu há 100.000 anos. Já o *Homo sapiens* que nasce hoje adquire, ao longo do tempo, dos anos, pela transmissão de conhecimento que a voz permite, muito mais conhecimento que o ser humano de 100.000 anos atrás, e o conhecimento é cumulativo, e isso aumenta cada vez mais...

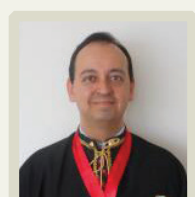
E assim, pela evolução natural, nosso cérebro continuará a crescer, nossa cabeça será cada vez maior, nosso pescoço mais forte e nossas pernas mais longas. E com a cabeça maior, alguém já se perguntou porque o bebê humano nasce tão “incapaz” em relação ao bebê de um outro mamífero, que nasce e já sai andando? Nossa cabeça, simplesmente, cresceu tanto que não passava mais pelo canal de parto; assim, o bebê humano foi obrigado, pela evolução, pelo aumento do tamanho de seu cérebro, a nascer “prematuro” com 9 meses. Assim, somos todos “prematuros”.

Da Pré-História da Transmissão do Conhecimento ao NeuroWebinar

Há cerca de três ou quatro anos recebi o convite do então futuro presidente da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia, dr. Ronald Farias, para idealizar e organizar um projeto de conferências *on-line* da SBN. A ideia inicial consistiria em ter um evento, uma vez ao mês, e o conferencista convidado viria a São Paulo em determinado local, onde seria montada uma estrutura de estúdio para transmitir ao vivo, *on-line* a sua conferência de atualização sobre algum tópico em neurocirurgia. Reuniões foram feitas, opções mais viáveis de logística foram estudadas e, finalmente, optamos pela utilização da plataforma Adobe para Webinars. Assim, no início de 2017, nascia o programa NeuroWebinar – Educação sem Fronteiras – da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia. A data do 1º NeuroWebinar foi 22/3/2017, e o conferencista convidado foi dr. Francinaldo Gomes, que apresentou o tema “Finanças para Médicos”. Era um mundo novo, esse da informação a distância, em *real time* e *on-line*. A Sociedade Brasileira de Neurocirurgia estava, a partir daí, conectada *on-line* e *real time*.

Todos sabemos que existem diversos modelos de ensino, múltiplas formas de transmitir a informação, mas essa forma era nova e percebíamos que era uma forma de unir pessoas, neurocirurgiãs e neurocirurgiões do Brasil inteiro, em um dia qualquer da semana, em sua casa, no consultório ou na universidade, e o colega de São Paulo podia discutir um assunto relevante em neurocirurgia com o seu colega do Ceará. Literalmente, do Oiapoque ao Chuí. Colegas do nosso Brasil inteiro começaram a participar e foi interessante ver a ativa participação, via *chat* de colegas de todo o país, e até de alguns colegas pelo mundo. Programada a transmissão para acontecer uma vez por mês, Ronald convenceu-me a realizar NeuroWebinars toda semana, toda quarta-feira, à noite. Assim, com frequência semanal, diversas áreas do conhecimento em nossa especialidade foram cobertas. Às vezes, pensei que estava fazendo um curso de revisão geral em neurocirurgia, o que é muito bom, pois cada um de nós tem se tornado, cada vez mais, megaespecialista em uma subespecialidade da neurocirurgia e acabamos, por mais que tenhamos excelentes noções gerais, desatualizados em outras subespecialidades. O tempo passou e passamos a chamar mais e mais colegas para participarem das discussões.

Mas o que mais me chamou a atenção, nestes dois anos de experiência à frente deste programa de educação sem fronteiras, foi ver a alegria sistemática dos colegas, mesmo os mais experientes, e mesmo aqueles bem acostumados aos aplausos nos grandes centros de convenção, falarem, ao final de seu NeuroWebinar, que estavam muito felizes em ter tido a experiência de participar. Lembro-me claramente da alegria do dr. Evandro de Oliveira ao final de seu NeuroWebinar, dizendo que estava muito contente com o modelo do programa. Lembro-me do norte-americano dr. Alexander Vaccaro, outra estrela de renome mundial, dizer, sorrindo, que tinha gostado muito do NeuroWebinar brasileiro. Apesar de seu caráter sério de ensino, em que os conferencistas sempre se esmeraram em prover as informações mais atualizadas do conhecimento, a modalidade *on-line real time* do NeuroWebinar, em dia de semana, permitiu nestes dois anos um contato quase familiar entre os neurocirurgiões e neurocirurgiãs do Brasil inteiro. E isso é muito bom. A união é muito boa. É saudável, e “faz a força”. Vejo que seremos inteligentes se nos unirmos e procurarmos falar a mesma língua; se procurarmos lutar juntos pelos mesmos interesses, que é a neurocirurgia e nossos pacientes neurocirúrgicos. Cada um de nós sabe o quanto lutou, o quanto deixou de lado para estar onde está. Assim, é muito melhor ver o seu colega como um amigo ou amiga, e não como seu rival. No fim de tudo, somos sim uma grande família e, para mim, particularmente, ver, ouvir e sentir a sincera alegria de cada um dos que participaram de alguma forma deste projeto nestes dois anos foi tremendamente recompensador, e me fez muito bem. Assim, agradeço a todos que participaram, de algum modo, como conferencistas, moderadores, atuantes nas discussões, fazendo perguntas, e ao *time* do NeuroWebinar, a saber: dr. Ronald, dr. Alexandre Novicki Francisco, dra. Mariângela Barbi Gonçalves; à equipe da T.I. Eduardo Lima e Cléber e a incansável Érida, da SBN – obrigado a todos. Vocês



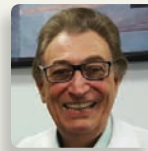
João Luiz Pinheiro Franco
Titular da
cadeira nº 70.

colaboraram para fazer minhas quartas-feiras, à noite, muito ricas, mostrando que todos neurocirurgiões e neurocirurgiãs podem, e devem sim, caminhar juntos, para o mesmo fim, que é a nossa neurocirurgia e os nossos pacientes neurocirúrgicos. Para concluir, lembro da citação que meu grande ídolo da neurocirurgia, meu pai, Luiz Fernando Pinheiro Franco, sempre falou, e ainda fala, há tantos e tantos anos:

NATURA NON FACIT SALTUS, do latim: “A natureza (a vida) não se faz de saltos”. Neurocirurgiões e neurocirurgiãs, vamos continuar progredindo, melhorando sempre no sentido da UNIÃO de todos os neurocirurgiões e neurocirurgiãs deste nosso país.

Efemérides

Academia e Acadêmicos em Destaque



9/1/2019 – Tertúlia sobre o tema “Aspectos Históricos da Escola Paulista de Medicina – Comemoração dos 85 anos da EPM”, palestra proferida pelo professor doutor **Abel Pereira de Souza Júnior**, graduado em 1973, na 36ª turma da Escola Paulista de Medicina (EPM), hoje, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); foi presidente do Centro Acadêmico Pereira Barreto (1971-1972) e especializou-se em reumatologia, tendo sido o primeiro residente dessa especialidade na Unifesp e assistente colaborador dessa disciplina (1976-1982). Dedicou-se, desde 1976, à carreira universitária na Faculdade de Medicina do ABC, tendo atuado como regente da disciplina de propedêutica médica (1982); preceptor e também coordenador do internato de clínica médica (1980-1984); vice-presidente (1982-1983) e presidente (1984-1985; 2003-2004 e 2005-2006) da Associação dos Docentes; chefe do Departamento de Clínica Médica (1986-1989); e, desde 1989, professor titular de reumatologia. Recebeu homenagens dos doutorandos das XI, XII, XIII, XVI, XXIV, XXVI e XXVIII turmas. É membro titular da Academia Brasileira de Reumatologia.

13/2/2019 – Assembleia Geral Ordinária para eleição da nova diretoria da Academia de Medicina de São Paulo para o biênio 2019-2021, havendo duas chapas concorrentes: “**Altevez e Independência**”, liderada pelo acadêmico **Maurício Mota de Avelar Alchorne**, e “**Espírito Acadêmico**”, liderada pelo acadêmico **José Luiz Gomes do Amaral**. No escrutínio houve 100 acadêmicos votantes com 54 votos para a chapa “Espírito Acadêmico”; 45 votos para a chapa “Altevez e Independência”; e um voto em branco.



29/2/2019 – O acadêmico **Helio Begliomini**, titular e emérito da cadeira nº 21 sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro, responsável pelo Departamento de Endourologia do Serviço de Urologia do Hospital do Servidor Público Estadual, foi homenageado como patrono da turma de residentes de urologia, formandos em 28 de fevereiro de 2019, desse tradicional hospital de ensino.



7/3/2019 – Posse da nova diretoria liderada pelo acadêmico **José Luiz Gomes do Amaral**, titular da cadeira nº 23, tendo por patrono Gil Soares Bairão, com mandato para o biênio compreendido em 7 de março de 2019 a 7 de março de 2021.





13/3/2019 – Tertúlia sobre o tema “Telemedicina” ministrada pelo professor doutor **Chao Lung Wen**, que se graduou pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1985 e aí tem se dedicado à carreira universitária, sendo doutor pelo Departamento de Patologia, disciplina de informática médica (2000), e livre-docente pela disciplina de telemedicina (2003). Atualmente é professor associado nível 2 e chefe da disciplina de telemedicina, além de médico III do Laboratório de Investigação Médica do Hospital das Clínicas da FMUSP, dentre diversas outras atribuições.

Registra-se também que esta foi a primeira vez que a tertúlia começou a ser filmada e disponibilizada na página eletrônica da Academia de Medicina de São Paulo.



10/4/2019 – Tertúlia sobre “Envelhecimento Populacional – Novo Paradigma de Saúde” proferida pelo professor doutor **Luiz Roberto Ramos**, graduado pela Escola Paulista de Medicina, hoje, Universidade Federal de São Paulo (EPM – Unifesp), em 1976; doutor em gerontologia pela *London University* (1983-1987); pós-doutorado em neuropsiquiatria pela *Harvard Medical School* (1996-1997); livre-docente e chefe da disciplina de geriatria (1997-2002); professor titular da disciplina de medicina preventiva (2004) e, desde 1991, diretor do Centro de Estudos do Envelhecimento da EPM – Unifesp.



10-14/4/2019 – O acadêmico **João Luiz Mendes Carneiro Pinheiro Franco**, titular da cadeira nº 70 sob a patronímica de João Vicente Torres Homem, foi convidado a participar da reunião anual da Pontifícia Academia de Ciências, no Vaticano, sodalício fundado em 1603 e que teve como

membro Galileu Galilei (1564-1642), dentre outros ilustres pesquisadores e intelectuais da humanidade. Nessa ocasião, o acadêmico **João Luiz Mendes Carneiro Pinheiro Franco** foi o único brasileiro presente e teve a oportunidade de estar ao lado de dois cientistas agraciados com o Prêmio Nobel.



26-27/4/2019 – Ocorreu na Associação Médica de Minas Gerais – Auditório Lívio Renault, em Belo Horizonte (MG), a Assembleia Geral Ordinária da Academia Brasileira de Pediatria (ABP), sodalício presidido pelo acadêmico **Mario Santoro Júnior**, titular da cadeira nº 69 da Academia de Medicina de São Paulo (AMSP), que tem por patrono de Oscar Monteiro de Barros. Nesse evento tomou posse como titular da cadeira nº 22 da ABP, cujo patrono é João Carlos de Souza, o acadêmico **José Hugo de Lins Pessoa**, titular da cadeira nº 61 da AMSP, que tem por patrono Álvaro Guimarães Filho.



7/5/2019 – Na Assembleia Geral Extraordinária, adrede convocada para a eleição de dois novos acadêmicos titulares através de voto secreto, foram sufragados os seguintes acadêmicos: **Antonio Carlos Lima Pompeo**: titular da cadeira nº 62, cujo patrono é Vital Brazil Mineiro da Campanha (1865-1950), que sucederá a acadêmica Rozeane Luppino (1954-2017); e **Nildo Alves Batista**: titular da ca-



deira nº 104, cujo patrono é Otto Guilherme Bier (1906-1985), que sucederá o acadêmico Marcello Fabiano de Franco (1940-2017).

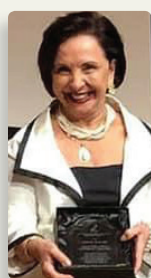


8/5/2019 – Tertúlia sobre “Prioridades na Atenção à Saúde no Estado de São Paulo”, proferida pelo **Dr. José Henrique Germann Ferreira**, atual secretário da saúde do estado de São Paulo. O **Dr. Germann Ferreira** é natural de São José do Rio Preto e graduado pela Universidade de São Paulo (USP). Aí fez residência em administração hospitalar e sistemas de saúde (1978); mestrado em administração hospitalar e saúde pela Fundação Getúlio Vargas (Unidade de Cirurgia Ambulatorial, 1985); doutorado em administração hospitalar pela Faculdade de Saúde Pública da USP (Alianças Estratégicas em Saúde – Grupo de Compras, 2000); bem como possui o *Master of Business Administration* (MBA) pelo Insead (*Business School for the World*, 2005). Atuou como diretor adjunto do Hospital Sírio-Libanês (1989-1995); diretor superintendente do Hospital Albert Einstein (1995-2008); diretor superintendente do Instituto Israelita de Consultoria e Gestão do Hospital Albert Einstein (2011-2018); além de ter coordenado programas de qualidade e gerenciamento de corpo clínico em 15 cidades brasileiras.

20/5/2019 – Os acadêmicos **Akira Ishida**, titular da cadeira nº 67 sob a patronímica de Affonso Régulo de Oliveira Fasuto e vice-presidente da Associação Paulista de Medicina (APM), e **Florival Meinão**, titular da cadeira nº 97



sob a patronímica de Luiz Gonzaga de Amarante Cruz e diretor administrativo da APM, conduziram o lançamento do “Aplicativo DrAPP-APM” feito para os associados da APM. Trata-se de uma plataforma eletrônica que já conta com um contingente de 3 milhões de pacientes conectados diretamente com os 30 mil associados da APM, visando facilitar o agendamento de consultas e a realização de diversos procedimentos, com custo zero aos médicos participantes.



9-13/6/2019 – A acadêmica **Limanara Rizzo Battistella**, titular e emérita da cadeira nº 51 sob a patronímica de Domingos Rubião Alves Meira; vice-presidente da Academia de Medicina de São Paulo e presidente da Sociedade Paulista de Medicina Física e Reabilitação, recebeu, no congresso da *International Society of Physical and Rehabilitation Medicine* – ISPRM, o prêmio “Herman Flex Lifetime Achievement”, maior reconhecimento dessa entidade àqueles que fizeram contribuições excepcionais e sem iguais, no cuidado da pessoa com deficiência. A efeméride ocorreu na cidade de Kobe, no Japão. A acadêmica **Linamara Rizzo Battistella** foi a primeira fisiatra latino-americana a receber essa distinção!



12/6/2019 – Tertúlia sobre “Saúde Ocular no Brasil” proferida pelo acadêmico **Rubens Belfort Mattos Júnior**, que é professor titular de oftalmologia da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo; membro honorário da Academia de Medicina de São Paulo; titular da cadei-

ra nº 64, da Seção de Cirurgia, da Academia Nacional de Medicina, sob a patronímica de Henrique Guedes de Mello, insigne sodalício que atuou como vice-presidente (2015); bem como membro da Academia Ophthalmologica Universalis, Academia Brasileira de Farmácia e da Academia Brasileira de Ciências. Ademais, recebeu o Prêmio Jabuti (2009) pela edição do livro "Oftalmogeriatría" e os prêmios Conrado Wessel (2016) e o *The International Duke Elder Medal*, durante o Congresso Mundial de Oftalmologia realizado em Barcelona (2018), como destaque a quem contribuiu como pesquisador, professor e médico ao desenvolvimento da oftalmologia mundial. Ele teve a honra de presidir a edição de 2006 desse prestigiado evento mundial.

Pódio



26/6/2019 – Cerimônia solene de posse de três recipiendários como titulares da Academia de Medicina de São Paulo, realizada no auditório nobre da Associação Paulista de Medicina: 1. Acadêmica **Leontina da Conceição Margarido**, titular da cadeira nº 50, tendo por patrono José Barros Magaldi e como antecessor o acadêmico Emil Sabbaga; 2. Acadêmico **Marcelo Zugaib**, titular da cadeira nº 10, tendo por patrono Flamínio Fávero e como antecessor o acadêmico Djalma Camargo Outeiro Pinto; 3. Acadêmico **Paulo Andrade Lotufo**, titular da cadeira nº 4, tendo por patrono Mário Rubens Guimarães Montenegro e como antecessor o acadêmico Luiz Celso Mattosinho França.



Compuseram a mesa dos trabalhos os acadêmicos: **José Luiz Gomes do Amaral**, presidente; **Paulo Manuel Pêgo-Fernandes**, secretário geral; e **Akira Ishida**, representando a Associação Paulista de Medicina. Os recipiendários foram saudados pelo acadêmico emérito **Guido Arturo Palomba** e após a cerimônia houve um coquetel de confraternização.

Saudades



14/2/2019 – Falecimento aos 86 anos do acadêmico **Luís Gustavo Horta Barboza Enge**, nascido na capital e graduado na 39ª turma da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1956. Especializou em pediatria, obtendo, por concurso, o título de especialista pela Associação Médica Brasileira e pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Participou, em 1967, do *Annual Pediatric Postgraduate Course in Neonatology* no *Variety Children's Hospital*, na Florida, e do curso *Progress in Understanding the Newborn* da *American Academy of Pediatrics*, na *Harvard Medical School*. Atuou como preceptor de residentes nas seguintes instituições: Hospital Infantil Darcy Vargas, nosocômio em que se tornou também presidente do Centro de Estudos "Dr. Mário Seráfico"; no Hospital Infantil da Cruz Vermelha Brasileira, bem como no Hospital Nossa Senhora da Penha.

Luís Gustavo Horta Barboza Enge foi também professor titular de pediatria, puericultura e neonatologia, além chefe do Departamento de Pediatria e membro do Conselho Departamental da Faculdade Bandeirante de Medicina (1973-1979), e delegado regional de Bragança Paulista da Sociedade de Pediatria de São Paulo; bem como professor titular de pediatria e coordenador do

Departamento de Pediatria da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1981-1985). Publicou trabalhos e atuou como conferencista e expositor de temas em congressos de pediatria. Dentre as homenagens que recebeu salientam-se: medalha da Legião Brasileira de Assistência; homenagens de sete das oito primeiras turmas de doutorandos da Faculdade Bandeirante de Medicina; medalha comemorativa dos 150 anos do ensino da pediatria, outorgada pela SBP; e homenagem do Cremesp pelos 50 anos de atividades no campo da pediatria. É de sua lavra o livro "**Novíssimo Manual de Instruções do seu Bebê**" (2002). Ingressou na Academia de Medicina de São Paulo em 26 de abril de 1984, galgando a condição de membro honorário desse sodalício.



22/6/2018 – Falecimento aos 90 anos do acadêmico emérito **Fernando Proença de Gouvêa**, titular da cadeira nº 36 sob a patronímica de Ignácio Proença de Gouvêa, seu pai. Natural da capital paulista, graduou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), na 38ª turma, em 1955, e dedicou-se à pediatria, atuando como

assistente médico voluntário da clínica pediátrica até 1981. Nesse período acumulou as funções de coordenador do pronto-socorro de pediatria (1966-1979); de supervisor dos leitos de pediatria do Hospital de Convalescentes de Suzano e da enfermaria da Rua Cotoxó (1964-1970), além de diretor executivo do Instituto da Criança (1971-1980). Foi também diretor do pronto-socorro geral do Instituto Central do Hospital das Clínicas (1981-1983) e fez pós-graduação em administração hospitalar e saúde pública na Faculdade de Saúde Pública da USP (1970-1972), com estágios durante cinco meses na Grã-Bretanha.

Dentre outras funções que exerceu salientam-se: assessor médico do Laboratório Winthrop (1960-1966); assistente do Departamento Municipal de Higiene (1970-1973); assessor chefe e secretário de Higiene e Saúde do município de São Paulo (1975-1979; 1986); diretor do Hospital Municipal do Tatuapé (1982) e do Hospital Municipal do Jabaquara (1983-1986); e secretário adjunto da Secretaria de Estado da Saúde (1989-1990). Como pediatra teve consultório particular de 1957 a 1985, quando parou de clinicar.

Fernando Proença de Gouvêa ingressou na Academia de Medicina de São Paulo em 13 de março de 1979 e nela permaneceu por 40 anos, tendo a honra de presidir esse insigne sodalício (1989-1990)

Ademais, foi membro fundador do Centro de Estudos e Pesquisas "Dr João Amorim" (Cejam), do qual se tornou diretor-presidente (1992-2008) e superintendente após esse período.

Memória

Maria Augusta Generoso Estrela

Primeira Brasileira Graduada em Medicina!



Maria Augusta
Generoso Estrela
1860-1946

Maria Augusta Generoso Estrela nasceu aos 10 de abril de 1860, na cidade do Rio de Janeiro. Era filha de portugueses, Maria Luíza e Albino Augusto Generoso Estrela, rico comerciante português. Teve uma educação elementar esmerada no internato do Colégio

Brasileiro e, com apenas 13 anos, interrompeu os estudos e viajou a Portugal, onde por seis meses permaneceu no colégio Villa Real, no Funchal, destacando-se por sua inteligência. No mesmo ano retornou ao Brasil, numa acidentada viagem a bordo do vapor *Flamsteed*.

Após três dias de viagem no mar, os passageiros acordaram às seis da manhã com um estrondo motivado pelo abalroamento do *Flamsteed* no couraçado inglês *Blorimphon* por imperícia do capitão. A colisão destruiu os camarotes da família Estrela e do próprio capitão Brown. Por milagre, Maria Augusta nada sofreu, pois, embora o pai havia pedido que permanecesse no aposento, ela, aflita, fora encontrá-lo, evitando a tragédia.

O navio *Flamsteed*, apesar de avariado, continuou a navegar. Por insistência de vários passageiros e, sobretudo de Maria Augusta, o capitão enviou pedido de socorro ao navio *Blorimphon* e todos se salvaram. O fato teve repercussão internacional e Maria Augusta, ao desembarcar no Brasil, foi homenageada pelo heroísmo, não somente por oficiais ingleses do *Blorimphon*, mas também por seus conterrâneos.

Em 1874 voltou a ser interna do Colégio Brasileiro. Aí lia revistas e jornais, principalmente dos Estados Unidos da América (EUA). Chamou-lhe atenção, num desses periódicos, a foto e a biografia de uma jovem que estudava medicina em Nova Iorque.

Mostrou a reportagem ao seu pai e demonstrou seu desejo de se formar em medicina. Como no Brasil as faculdades não permitiam o ingresso de mulheres, ela insistiu para que seu pai lhe permitisse estudar no exterior, a fim de clinicar no Brasil.

Assim, em 1875, partiu do Rio de Janeiro, no navio *South America*, rumo a Nova Iorque. Nos EUA requereu prestar exames na *New York Medical College and Hospital for Women*, situada na *Lexington Avenue*. Porém, o requerimento foi indeferido porque os estatutos exigiam idade mínima de dezoito anos para o ingresso na faculdade, e ela tinha apenas dezesseis.

Não desanimando, fez nova petição para expor oralmente seus motivos para se matricular. Perante médicos, médicas e alunas da instituição, questionou o indeferimento de sua petição. Sensibilizados com sua argumentação, os membros da congregação marcaram os exames para o mês seguinte. Brilhante, inteligente e preparada, não deixou dúvida aos examinadores e foi aprovada com distinção.

Na semana seguinte, em 17 de outubro de 1876, matriculou-se no *New York Medical College and Hospital for Women*. Neste ínterim, infelizmente, a Companhia Bristol, representada por seu pai no Brasil, quebrou e ele não tinha mais condições de mantê-la em Nova Iorque.

Desde o início seus passos foram acompanhados pela imprensa brasileira, que publicava relatos periódicos de sua vida acadêmica e pessoal no exterior. Porém, ao tomar conhecimento da situação, o imperador D. Pedro II ordenou por decreto, em 1877, a constituição de uma bolsa suficiente para pagar a faculdade (100\$000 réis por mês) e cobrir gastos gerais (300\$000 réis por ano).

Maria Augusta concluiu o curso em 1879, mas não tinha a idade exigida pelos estatutos da faculdade para receber o diploma. Assim, aguardou dois anos para completar a maioridade e receber o grau de doutora em medicina.

Somente em 1879 o Governo Brasileiro abriu as instituições de ensino superior às mulheres, em decorrência da Reforma Leônico de Carvalho, pelo Decreto nº 7.247, de 19 de abril, embora as jovens que seguiam esse caminho ficassem sujeitas a pressões e a desaprovação social.

Os últimos meses de estudos, em 1879, foram trágicos para Maria Augusta, que, ao realizar uma necropsia, feriu-se outra vez,

acidentalmente, com o bisturi. A inflamação desta vez instalou-se de imediato e o tratamento foi penoso e demorado.

Em agosto de 1880, outro duro golpe do destino a atingiu: a morte de seu pai – o amigo, incentivador e admirador de todas as horas.

Durante a espera do diploma, Maria Augusta frequentou cursos e estagiou em vários serviços médicos de Nova Iorque. A ela se juntou uma segunda jovem e colega de faculdade, Josefa Agueda Felisbella Mercedes de Oliveira. As duas fundaram em 1881, em Nova Iorque, um jornal denominado “A Mulher” – destinado aos interesses e direitos da mulher brasileira.

Maria Augusta recebeu o diploma de doutora em medicina do *New York Medical College and Hospital for Women*, na *Association Hall of New York*, em 1881, sendo ela oradora da turma¹. Foi agraciada com uma medalha de ouro pelo melhor desempenho durante o curso e por sua magnífica tese: **Moléstias da Pele**.

Permaneceu mais um ano nos EUA, autorizada por D. Pedro II. Desembarcou no Rio de Janeiro e, em meio a muitas homenagens, foi recebida em audiência especial pelo Imperador do Brasil que a aconselhou a se dedicar ao atendimento de senhoras, obtendo seu comprometimento.

Segundo sua biógrafa Yvonne Capuano, “Maria Augusta submeteu-se aos exames na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para validar seu diploma, conforme determinava a Reforma de 1832. Não haveria obstáculos, pois estudara e estagiara o suficiente para não temer uma banca examinadora. Dominava quatro idiomas: inglês, francês, espanhol e alemão, e estava preparada para a arguição. Encontrou, nessa ocasião, várias alunas matriculadas no curso de medicina, pois as portas do ensino haviam sido abertas em 1879 às jovens brasileiras. Sentiu-se gratificada pelo sacrifício e luta de anos, distante do Brasil”.

Com o diploma validado, passou a clinicar e servir de exemplo para que outras jovens se matriculassem em cursos superiores.

Foi a primeira mulher do Brasil a receber um diploma de medicina, em Nova Iorque (1881), e seu exemplo contribuiu para a abertura das faculdades às jovens do nosso país.

Em 1884, dois anos depois de seu regresso, conheceu o alagoano Antonio Costa Moraes, de 38 anos, formado em farmácia pela Universidade de Leipzig e proprietário da Farmácia Normal. Apaixonados, casaram-se no mesmo ano. Nessa época, Maria Augusta mantinha um pequeno consultório onde ostentava, na fachada, orgulhosamente, a placa: “Dr.” Maria Augusta Estrela. Seu marido ciumento, muitas vezes tentou fazê-la largar a profissão. Firme nas decisões, ela continuou clinicando, mas, para tranquilizá-lo, passou a fazê-lo numa das salas da farmácia, onde várias receitas eram formuladas por ela. A clientela era imensa; dedicava-se às mulheres e às crianças, atendia gratuitamente aos que não tinham possibilidade de remunerá-la. Desse conúbio nasceram cinco filhos: Samuel, Matilde, Bárbara, Luciano e Antonio.

Maria Augusta ficou viúva em 1908, obrigando-a a reduzir o atendimento médico para se dedicar mais aos filhos, porém, nunca abandonou completamente os estudos e o contato com clientes. Muitas vezes era chamada para discutir entre colegas um caso de difícil diagnóstico, o que conseguia com brilhantismo e facilidade. Lia assiduamente, sendo esse o seu passatempo predileto. Manteve-se lúcida até a idade propecta, o que se expressava pela vivacidade dos seus olhos azuis.

¹ Seis anos depois de sua formatura no exterior, Rita Lobato Velho Lopes tornou-se a primeira mulher brasileira a receber o grau de médica, no Brasil (1887). Essas pioneiras encontraram muitas dificuldades para se afirmar profissionalmente e várias delas estiveram sujeitas ao ridículo.



Helio Begliomini
Titular e emérito da
cadeira nº 21.

Maria Augusta Generoso Estrela faleceu subitamente, em 18 de abril de 1946, aos 86 anos, enquanto conversava com a família. Deixou um lugar na história pela luta na defesa de ideais femininos. Seu nome é honrado com a patronímica da cadeira no 64 na augusta Academia de Medicina de São Paulo. Dá nome a uma rua na cidade de Poços de Caldas (MG) e a uma rua na cidade de Porto Alegre (RS).

Histórico

A Nefropatia dos Balkans e Drácula

A Sociedade Internacional de Nefrologia foi fundada durante o seu primeiro congresso, em setembro de 1960, graças aos esforços de seu idealizador e primeiro presidente, o professor Jean Hamburger, no Hotel Royal de Evians-les-Bains, cidade turística, às margens do lago de Genebra. Os congressistas também ficavam em Genebra, na Suíça, no mesmo lago, sendo as cidades ligadas por vaporetos.

Jean Hamburger foi *a renaissance man, a scientist skilled in several fields of medicine, a teacher, an academician, an administrator, an essayist, a philosopher and a poet*, além de ser o Pai da Nefrologia. Pouco tempo antes da fundação dessa sociedade médica ele havia mudado o nome de seu serviço para Nefrologia, porém não foi o primeiro, a Sociedade Italiana, fundada antes, já o havia feito. O termo Nefrologia já existia há mais de 200 anos em dicionários de diferentes países, inclusive Portugal, mas não era utilizado para designar as doenças renais clínicas.

O segundo congresso dessa sociedade foi realizado em 1963, em Praga, na antiga Tchecoslováquia, onde um de seus temas oficiais foi a nefropatia dos Balkans. Essa moléstia, que assolava a Transilvânia há anos, em redor dos ramos iniciais do rio Danúbio, se caracterizava por emagrecimento, uma grande fraqueza e anemia que terminavam em morte. Ela ocorria em alguns habitantes que lá moravam. Se esses abandonassem a região antes de contraírem o mal, não ficavam doentes, pessoas vindas de outras regiões, podiam adoecer após morarem lá por bastante tempo e era rara em indivíduos com até 20 anos de idade.

Por meio de estudos anatomopatológicos, nos anos 1950, descobriu-se que a anemia, a fraqueza e o emagrecimento desses habitantes eram decorrentes de uma nefropatia crônica tubulointersticial de causa ignorada. Ela ocorria nas zonas ribeirinhas das atuais Bósnia e Herzegovina, da Bulgária, da Croácia, da Sérvia e da Romênia. Essa nefropatia endêmica estava associada também a um aumento da incidência de carcinomas do trato urinário.

Durante o congresso várias teorias foram apresentadas, sendo a mais interessante a ingestão de micotoxinas provenientes de bolores, muito comuns, que se formavam nas casas sujeitas a inundações. Outras hipóteses compreendiam metais raros como o chumbo e o cádmio, novos fertilizantes químicos, pesticidas, aditivos alimentares, derivados do petróleo e resíduos industriais, mas nada foi provado.

Após poucos anos, em 1969, M. Ivic desvendou o mistério. Uma planta que crescia na região, *Aristolochia clematidis*, e que fora incriminada em 1958, pelos veterinários, por produzir nefropa-



tias e carcinomas cutâneos em cavalos seria a culpada. Os habitantes da região costumavam fabricar pães, onde as sementes da *Aristolochia* eram misturadas com a farinha de trigo, e a toxina dessa planta seria lentamente absorvida, de

forma que levava muitos anos para que os rins fossem afetados.

Vlad Tsepesh aka Dracula (pronuncia-se Drácula), ou Vlad o Empalador (Tsepesh significa empalador) nasceu em 1431, na cidade de Sighisoara, na Transilvânia, e faleceu em 1476, em uma batalha contra os turcos, talvez morto, acidentalmente, por um de seus soldados. Seu pai foi membro da Ordem do Dragão, que tinha um pacto de luta eterna contra os turcos. Drácula significa dragão ou demônio.



Aos 13 anos Vlad foi capturado pelos turcos, com quem aprendeu a criminosa arte de empalar e torturar pessoas vivas. Sob o seu reinado, de 1456 a 1462, em Wallachiana, pôde desenvolver todo seu sadismo, cometendo maldades inimagináveis.

O castelo de Drácula fica, até hoje, ao norte de Wallachiana, cidade de Tirgoviste, na Romênia. Sua tumba foi aberta em 1931, contendo apenas um esqueleto deteriorado, uma coroa de ouro, uma gargantilha em forma de serpente e fragmentos de um traje de cor vermelha, com um sino costurado. Todas essas relíquias foram roubadas do Museu Histórico de Bucarest, onde estavam depositadas.

Nos locais onde apareciam as mortes de pessoas de ambos os sexos pela misteriosa doença, corria uma lenda de que elas seriam sugadas pelo Conde Drácula, mesmo após a sua morte, uma vez que ele era imortal, vivendo em seu castelo, dormindo durante o dia e sugando o sangue durante a noite.



Bram Stoker, tomando conhecimento dessas lendas e da vida do Conde Drácula escreveu, em 1897, o seu famoso livro Drácula. Esse assunto foi e ainda é, até hoje, um enorme sucesso. Filmes, livros, desenhos, quadrinhos, séries de TV, novelas, alienígenas, continuam surgindo todo ano. Talvez o primeiro de uma série

de filmes foi filmado em 1931, estrelado pelo ator húngaro, Béla Lugosi, nome artístico de Béla Ferenc Dezső Blaskó. Como em outros filmes, Béla Lugosi e seus sucessores, apareciam de *smoking* negro e uma capa esvoaçante, preta de um lado e vermelha de outro. Béla Lugosi faleceu com 73 anos, em Los Angeles, sendo cremado usando uma capa vermelha e preta, semelhante àquela que usava em seus filmes como Drácula.

A astuta hipótese de Ivic estimulou a descoberta de outra nefropatia intersticial, em 1993. Várias mulheres começaram a apresentar doença renal crônica em Bruxelas, na Bélgica. Vanherweghem e colaboradores observaram que elas frequentavam uma clínica de emagrecimento, onde, além de realizarem exercícios físicos, ingeriam um chá chinês, que seria feito de uma planta do mesmo gênero, *Aristolochia fangchi*. Porém as nefropatias eram diferentes: esta aparecia após 6 a 24 meses de consumo do chá. Isto desencadeou novas pesquisas. Em algumas



partes da China e em Taiwan também havia grande incidência de lesão renal terminal.

O ácido aristolóquio dessas plantas, além de ser uma nefrotóxica, é um poderoso agente cancerígeno. Ele reage com o DNA genômico, formando o DNA aristolactamato, que gera o espectro mutacional TP53 no urotélio, fortemente relacionado com a formação de carcinomas no trato urinário superior.



Jenner Cruz
Titular e emérito da
cadeira nº 39.

Finalizando, informamos que existem três entidades clínicas, na literatura médica, que podem produzir uma nefropatia tubulointersticial crônica: nefropatia dos Balkans, nefropatia das ervas chinesas e nefropatia por analgésicos. Moral da história: Cuidado com os chás chineses e com o abuso de analgésicos.



Av. Paulista - 1952

Academia de Medicina de São Paulo – Gestão 2019-2020

Presidente: José Luiz Gomes do Amaral
Vice-presidente: Linamara Rizzo Battistella
Secretário Geral: Paulo Manuel Pêgo-Fernandes
Secretário Adjunto: Sérgio Bortolai Libonati
Primeira Tesoureira: Marilene Rezende Melo
Segundo Tesoureiro: Walter Manna Albertoni

Comissão de Patrimônio:
Carlos Alberto Salvatore
Luiz Fernando Pinheiro Franco
Arary da Cruz Tiriba

Conselho Científico:
Affonso Renato Meira
Giovanni Guido Cerri
Edmund Chada Baracat

Diretor Cultural: Guido Arturo Palomba

Diretor de Comunicações: Helio Begliomini

Ex-editores do Asclépio
2010-2011 - Affonso Renato Meira
2011-2016 - Conceição Aparecida de Mattos Segre

Normas para Publicação no Asclépio

O **Asclépio** é o boletim da **Academia de Medicina de São Paulo**. Publica matérias de autoria de seus membros titulares e honorários, desde que estejam de acordo com as normas de publicação. As matérias serão publicadas depois de aprovadas e de acordo com a ordem de recebimento. As pautas serão encerradas, respectivamente, em 30 de junho e 31 de dezembro.

A **Academia de Medicina de São Paulo** não se responsabiliza pelos conteúdos das matérias assinadas pelos acadêmicos.

Os artigos, não mais de 2100 palavras, devem ser enviados ao editor no endereço contato@academiamedicinasaopaulo.org.br, na seguinte formatação: A4 com espaçamento 1,5; margens laterais de 2,5 cm; margens verticais de 3,0 cm e fonte *Times New Roman*, tamanho 12.

Os artigos devem se enquadrar nas seguintes seções:

Editoriais: Espaços reservados ao presidente da **Academia de Medicina de São Paulo** e ao editor do **Asclépio** ou a acadêmicos por eles indicados.

Efemérides: Notícias variadas e relevantes sobre o sodalício e os acadêmicos.

Contemporâneo: Artigos sobre atualidade relacionados à saúde e/ou medicina.

Memória: Biografias de antigos membros da **Academia de Medicina de São Paulo**.

Histórico: Relatos de fatos históricos concernentes a pessoas ou instituições, vinculados à área da saúde.

Opinião: Pontos de vista sobre assuntos atuais relacionados à saúde ou medicina.

Cultura: Poesias, crônicas, contos e ensaios.

Editor: Helio Begliomini